

# “A questão de gênero dentro da Revolução Cubana: o papel da *Revista Bohemia* (1960-1975) na criação de um discurso de igualdade”

Palavras-Chave: Revolução Cubana; Mulheres; Revista Bohemia

Autores(as):

MONIQUE GOMES DOMINICHEL, IFCH - UNICAMP

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO (orientador), IFCH - UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

Com o estabelecimento do governo revolucionário cubano, em 1 de janeiro de 1959, se faz necessário garantir a harmonia institucional do país através da criação de um novo pensamento acerca da história e narrativa de Cuba, além das políticas socioeconômicas rapidamente estabelecidas pelo regime. Havia pouca probabilidade do desenvolvimento de mudanças estruturais se a sociedade mantivesse em sua consciência uma relação estreita com o passado colonial e imperialista. Sob essa premissa, Che Guevara traz a ideia da formação do “novo homem cubano”, conceito discutido em seu texto de 1965, *El socialismo y el hombre en Cuba*, sendo este “novo homem” o responsável pela garantia do futuro promissor da sociedade cubana. Porém, o líder revolucionário, ao trazer essa responsabilidade, não insere as mulheres neste trabalho, apagando as contribuições femininas para a construção da nação. Ele as aborda brevemente, mantendo-as no papel tradicional de mãe, esposa e dona de casa, responsáveis pela manutenção do lar (Gontijo, 2021, p. 283).

Uma masculinidade hegemônica, baseada no ideário de virilidade revolucionária, foi criada a partir do estabelecimento dos “heróis da nação”, fato recorrente no mundo ocidental (Connell, 1997, p. 12). Reforçando uma ideologia machista, a mulher cubana ficou submetida ao espaço privado e se tornou responsável em exercer as funções de gênero. Utilizo a definição de Joan Scott para o conceito de gênero, sendo este uma construção social das ideias sobre os papéis dos homens e das mulheres, ou seja, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 1989, p. 7). A partir disso, a participação feminina no espaço público fica numa posição inferior, por ser um espaço historicamente masculinizado.

A Revolução Cubana não foi apenas um processo de ruptura, mas também um processo marcado pela reivindicação seletiva do passado da história cubana, passado este usado para a sua legitimação. Uma das personagens reivindicadas foi a figura das *mambisas*, mulheres guerrilheiras que atuaram no processo de independência cubano. Para a construção do governo revolucionário, era de suma

importância valorizar a participação feminina, contudo, atrelada aos estereótipos de gênero. Nessa perspectiva, mesmo com os importantes avanços, a narrativa oficial cubana continuou, pelo menos nos primeiros anos, associando a mulher a valores de maternidade e devoção. Assim, as *mambisas* satisfaziam os estereótipos de gênero, sendo elas:

Mulheres capazes de lutar ao lado dos homens ao mesmo tempo em que também eram capazes de atender a posições mais tradicionalmente femininas, sem que reivindicassem muito para si mesmas. Tornaram-se símbolos da devoção nacional e da modernidade ao mesmo tempo em que pouco eram representativas de suas individualidades ou de problemas especificamente femininos, e constantemente associadas à ideia de sacrifício e martírio em nome da nação (Pereira, 2014, p. 39).

Enquanto mulheres como Haydée Santamaría, Melba Hernandez, Célia Sanchez e Vilma Espín operavam diretamente num espaço majoritariamente masculinizado, como a militarização, a sociedade cubana atribuiu esse papel apenas aos homens. Destaco aqui a *Revista Bohemia*, utilizada como fonte para este trabalho, que mesmo após ser tomada por seus trabalhadores em 1960, mantinha um discurso extremamente machista, refletindo a mentalidade do país na época. Suas matérias atribuem às mulheres o espaço privado, com propagandas e temáticas que reforçaram essa ideia. Aos homens era destinado os assuntos do espaço público, como a política e a economia, sem citar, em muitos casos, a contribuição feminina neste contexto.

Dessa forma, é de extrema importância romper com o estereótipo de que somente os homens participaram da vida pública neste anos iniciais da Revolução, incentivando o debate acerca da participação das mulheres nesses ambientes historicamente masculinos e criando uma história a partir da perspectiva feminina. Ao abordar as questões de gênero dentro e fora do movimento revolucionário cubano, retoma-se o protagonismo feminino apagado pela historiografia oficial. A memória que vincula a Revolução a homens fortes e armados, deve abrir espaço para a construção da narrativa das mulheres que participaram direta ou indiretamente do processo revolucionário.

## **METODOLOGIA:**

Como exposto, para este trabalho, utilizamos a *Revista Bohemia*. O uso de revistas como fonte histórica traz o desafio de abordar metodologicamente esses materiais através da história intelectual. Esse campo historiográfico tem como característica a valorização da análise documental, como uma expressão simbólica e cultural mais ampla, além do leque de informações que podem ser obtidas. Definir a história intelectual, no entanto, não é tarefa simples. Seus limites são, em sua maioria, subjetivos, o que complexifica sua conceituação pelos autores. Jorge Myers, historiador intelectual com foco nos séculos XIX e XX na América Latina, oferece uma definição sucinta, mas esclarecedora, que mostra a difícil definição da área. Ele a define como:

Uma formulação muito sucinta poderia ser a seguinte: a história intelectual consiste em uma exploração da produção doutra realizada pelas elites letradas do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um

---

contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção. (Myers, 2016, p. 24-25)

Podemos perceber, em primeiro lugar, a importância de reinserir os textos analisados em seu tempo histórico, compreendendo as estruturas sociais que os moldaram. Pode-se destacar também, a ênfase na “produção doutra” das chamadas “elites letradas”, ou seja, indivíduos com alto grau de domínio da linguagem e, geralmente, inseridos nos debates intelectuais de suas épocas. Em contrapartida, é necessário ampliar o entendimento do que se conhece popularmente como “elite letrada”. O conceito não deve ser entendido somente como aqueles que pertencem às classes dominantes. Em alguns casos, essa elite é composta por sujeitos com grande habilidade discursiva e argumentativa, mesmo que ocupem espaços que não exercem o poder da sociedade em questão.

Ademais, uma das contribuições mais relevantes da história intelectual é a compreensão de que toda produção textual, seja ela pública ou privada, carrega traços de um pensamento marcado por seu meio social. Os autores, ainda que escrevam em primeira pessoa, como em diários pessoais, estão inseridos em uma sociedade, com tradições e estruturas de poder que moldam sua cultura. Dessa forma, mesmo as produções aparentemente individuais revelam, em certa medida, as ideologias, os valores e as disputas que estão em voga na sociedade em determinado período histórico.

Em vista disso, utilizar revistas como fonte de pesquisa, faz com que se vá além do conteúdo expresso no texto. É necessário investigar quem escreve, para quem se escreve, quais os discursos mobilizados e quais as disputas simbólicas e políticas em jogo. A revista, então, torna-se uma ferramenta para compreender os debates de sua época, funcionando como um espaço privilegiado onde ideias são formuladas, disputadas e divulgadas. Isso permite captar a história dos modos como a sociedade pensava, sentia e se posicionava frente a eventos e transformações de seu tempo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

No contexto pós-revolucionário e, principalmente, com a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana, um dos objetivos do Estado foi garantir a incorporação da mulher à força de trabalho. Portanto, através das edições analisadas, pode-se perceber que houve grande estímulo governamental e midiático para que a mulher continuasse lutando em prol da Revolução. Neste momento, isso se dá através da construção de um ideário baseado na figura feminina forte e heroica, além de um exemplo dentro do âmbito familiar, exercendo suas funções tradicionalmente femininas, como a maternidade. A autora Cassia Vassi, afirma que: “[...] podemos destacar os atributos ligados à cubana e que foram enfatizados também em outros momentos da história da ilha: mãe, trabalhadora, lutadora no lar e na vida, e uma das responsáveis pela formação de “novos” cidadãos cubanos” (Vassi, 2007, p. 182).

Nesta busca pela ressignificação do ideal da mulher revolucionária, é notável, com o passar dos anos, o aumento significativo no número de matérias na *Revista* sobre mulheres consideradas “heroínas”,

---

dentro do país e internacionalmente, alinhadas ao ideal revolucionário, como a revolucionária alemã Clara Zetkin. Esse crescimento reflete tanto as mudanças sociopolíticas da época quanto o maior interesse por figuras femininas, desde líderes políticas até cientistas. Com esta ampliação da representação feminina, reforçou-se a imagem da mulher, não só a cubana, como personagem ativo da história mundial.

Contudo, em meio a criação deste ideal e valorização da mulher revolucionária, também é perceptível um processo de mitificação de algumas figuras históricas, como aconteceu com Haydée Santamaría. A autora Carolina de Azevedo Müller argumenta que houve um esforço por parte do movimento revolucionário em apagar possíveis incoerências de sua vida, sendo vista como um exemplo a ser seguido e uma legítima heroína cubana (Müller, 2018, p. 2). Isso fica ainda mais claro com o aumento das entrevistas e matérias que focalizam na fidelidade de mulheres como Santamaría ao ideal revolucionário e ao próprio Fidel Castro.

Voltando ao âmbito do trabalho, sabemos que a incorporação feminina se deu, principalmente, por meio da *Federación de Mujeres Cubanas*, organização fundada em 1960 com o intuito de promover a igualdade de gênero e a participação da mulher nesta nova sociedade. Durante o Segundo Congresso da Federação de Mulheres Cubanas, Fidel Castro veio à público para exaltar as conquistas femininas após 15 anos do triunfo revolucionário. Em seu discurso, publicado pela *Revista Bohemia* em 1974, ele reconhece que as mulheres, mesmo diante de notáveis mudanças, ainda ocupavam poucos espaços de poder, ou seja, os espaços públicos continuavam sendo predominantemente masculinos. Assim, ele destaca ser importante rever as políticas tomadas pelo governo para maior igualdade de gênero (Schactae, 2017, p. 5).

Outra questão muito perceptível ao analisar a *Bohemia*, é o machismo enraizado no humor da época. O humor, ao refletir os valores daquela sociedade, também reflete seus preconceitos, e, por mais que haja avanços pela igualdade de gênero, o machismo ainda encontra-se presente neste contexto humorístico. Encontramos, na maioria das edições, piadas que reforçam os estereótipos femininos, objetificam e sexualizam a mulher, sendo consideradas apenas “entretenimento”. A mulher aparece nas seções humorísticas da *Revista* como fútil, subordinada ao homem, descontrolada emocionalmente (a chamada “histeria” feminina), limitada intelectualmente, associada à traição e à sedução ou também ligada à ideia de que a mulher deve desempenhar papéis já tradicionalmente conhecidos, como mãe, esposa e dona-de-casa.

Esse tipo de conteúdo reforça visões ultrapassadas, fazendo com que as desigualdades não sejam tratadas com a seriedade que deveriam ser abordadas. Segundo a autora Karina Janz Woitowicz, ao utilizar o humor como ferramenta para a propagação do machismo, perpetuam-se constantemente estereótipos de gênero (Woitowicz, 2009, p. 4).

---

## CONCLUSÕES:

Durante os anos analisados através da *Revista Bohemia*, entre 1960 e 1975, é notável uma grande mudança em prol da igualdade de gênero. Aos poucos, as mulheres passam a ter maior reconhecimento como parte essencial da sociedade e história cubana, desde as lutas da época colonial. Neste cenário, o socialismo é visto como indispensável para a garantia de igualdade entre homens e mulheres, o que demonstra a importância da integração feminina ao movimento revolucionário.

Apesar disso, esse rápido avanço da integração da mulher no trabalho tem, principalmente, razões econômicas, persistindo na sociedade cubana as raízes do machismo. Algumas matérias, principalmente no final do recorte historiográfico estabelecido, trazem essa crítica, argumentando que a consciência do país ainda carrega traços do capitalismo e, conseqüentemente, do patriarcalismo.

Em síntese, fica clara a necessidade de superação feminina como um ser social e não só para fins econômicos. Atualmente, Cuba apresenta resultados positivos no que diz respeito à igualdade de gênero, sendo um dos países mais avançados da América Latina. Em 2021, o país registrou 0,746 no Índice Global de Desigualdade, sendo 1 a representação da igualdade plena. Isso demonstra mudanças estruturais, principalmente a partir das políticas adotadas pela Revolução. Porém, trata-se de uma luta que ainda não está encerrada no país, existindo marcas profundas dos males causados por anos e anos de subjugação feminina.

---

## BIBLIOGRAFIA

- CONNELL, R. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (eds). *Masculidad/es: Poder y Crisis*. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, 1997, p. 31-48.
- GONTIJO, Stella Ferreira. Homem novo e Mulher nova: a tomada da consciência revolucionária em Cuba e Nicarágua. In: *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Org: Ana Paula Cecon Calegari e Lídia Maria de Abreu Generoso. Belo Horizonte, 2021.
- GUEVARA, Che. *El socialismo y el hombre en Cuba*. 1965.
- MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- MÜLLER, Carolina de Azevedo. Haydée Santamaría e a mitificação de uma “heroína da Revolução Cubana”. Universidade Federal de São Paulo, 2018.
- PEREIRA, Igor Martin. Mambisas, feminismo e a identidade nacional feminina cubana. *Epígrafe*, São Paulo, Edição Um, p. 35-51, 2014.
- SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Congresso Mundos de Mulheres (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, p. 1-12.
- SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.
- VASSI, Cassia. *A mulher cubana e sua sociedade: da independência à Revolução*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.
- WOITOWICZ, Karina Janz. O riso como lugar de expressão e fortalecimento do machismo: Uma leitura folkcomunicação das piadas envolvendo questões de gênero na internet. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, vol. 1, 2009.
-